



DA PALAVRA AO MUNDO: RETORNOS À FILOLOGIA

FROM THE WORD TO THE WORLD:
RETURNS TO PHILOLOGY

Lucas de Jesus Santos¹
*Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária -
Universidade Estadual de Campinas*

Resumo: Neste trabalho, pretendo delinear a proposta de retorno da filologia aos estudos literários e culturais. Para tanto, percorro alguns textos importantes que tematizam tal movimento de retorno, tentando marcar seus contornos gerais e suas implicações político-teóricas para o estudo da literatura e da cultura. São abordados os textos "Antifoundational Philology" de Jonathan Culler, "Erich Auerbach's Earthly (Counter-)Philology" de James I. Porter e "Post-Philology" de Michelle Warren. Argumento que, ao alinhar as interpretações dos autores, pode-se inferir que a filologia passa de um saber centrado na forma da palavra e dos textos, com vistas à reconstrução de seu sentido original, para uma filologia do mundo, aberta às especificidades culturais e políticas de um tempo histórico marcado pela diáspora dos povos africanos, pela problemática política e cultural das comunidades nacionais pós-coloniais, pelas democracias recentemente nascidas em países que viveram ditaduras. A direção geral dos textos é a de questionar a posição atribuída à Filologia de saber hierarquicamente superior, basilar, de estabelecimento da verdade textual e de interpretação, realizando uma reconfiguração do papel da filologia frente às questões político-culturais contemporâneas. Nota-se, então, um regresso crítico à filologia por parte de alguns teóricos da literatura e da cultura, que, longe de reivindicar instrumentos determinantes de análise, prezam pela extensão das possibilidades de leitura e tratamento dos textos, afirmando a democratização dos saberes e a produção de espaços e condições de coexistência cultural.

¹ Idjsantos@gmail.com

Palavras-Chave: Filologia; Retorno à Filologia; Teoria da Literatura; Pós-colonialismo.

Abstract: *In this paper, I intend to outline some proposals of return of philology to literary and cultural studies. Thus, some important texts that thematize such return movement are brought up, in order to try marking their general contours and their political and theoretical implications for literature and culture studies. These texts are "Antifoundational Philology" by Jonathan Culler, "Erich Auerbach's Earthly (Counter-)Philology" by James I. Porter and "Post-Philology" by Michelle Warren. My argument is that it is possible to infer, as we tack the authors' propositions, that philology is understood not in the sense of a self-centered wordily formal knowledge, seeking to reconstruct the texts original meaning, but instead as a more open kind of philology, a worldly philology, that considers our historical time marked by diaspora of African peoples, political and cultural problems of post-colonial national communities, and the newly born democracies in countries that have passed through dictatorships. As they question philology's hierarchical position as a knowledge that states the textual truth, they reconfigure philology political and cultural status. Finally, it can be noticed a critical return to philology by some theorists of literature and culture, which, far from claiming decisive instruments of analysis, value the extent of possibilities of reading and processing of text, affirming democratization of knowledge and the production of spaces and conditions for cultural coexistence.*

Key-Words: *Philology; Return to Philology; Literary Theory; Postcolonialism.*

INTRODUÇÃO

A problemática do retorno à filologia tem seu início no texto de Paul de Man, "The Return to Philology" (1982), publicado em *The Resistance to Theory* (2002 [1986]), no qual o crítico literário norte-americano defende o primado do ensino retórico e poético da literatura em desvantagem de seu ensino como história ou hermenêutica. Isso implica em realizar análises de estruturas e formas linguísticas, dando prioridade para a plasticidade da escrita ao invés de seu(s) sentido(s). O retorno à filologia significa, neste contexto, uma atenção voltada para a construção e estabelecimento dos textos literários, enquanto objetos de linguagem.

Paul de Man faz eco à concepção tradicional de filologia, caracterizada por ser o estudo metodológico de uma malha documental, frequentemente dispersa, indeterminada e variada, de modo a organizá-la e autenticá-la (CASTRO, 1995). Esta concepção orientou a partilha de objetos entre filologia, linguística e estudos literários, desde o desmembramento da primeira e a criação e desenvolvimento das duas últimas disciplinas. A filologia, desde então, figurou metonimicamente (uma vez que não é apenas esta a sua atribuição) como uma espécie de ciência do texto, cuja atividade essencial é garantir a legitimidade dos materiais textuais, de modo a possibilitar a investigação das ciências linguística e literária.

Desde a retomada proposta por De Man, no entanto, a filologia tem recebido várias revisitações por parte de teóricos e críticos da literatura². Pretendo, neste trabalho, analisar os sentidos dos retornos da filologia aos estudos literários: o que significa um *retorno* à filologia? Qual/quais o(s) conceito(s) de filologia em jogo nesse retorno? Para realizar tal análise, tomo como exemplo três ensaios que tematizam tal retorno e geram uma reconceitualização de "filologia", são eles: "Anti-foundacional Philology" de Culler (1990), "Erich Auerbach's Earthly Counter-philology" de Porter (2000) e "Post-philology" de Warren (2003).

Minha argumentação vai na direção de apontar, mediante análise dos textos escolhidos, um movimento de (re)abertura da filologia, seguindo um deslocamento que vai da palavra ao mundo. Isso significa que, segundo a linha argumentativa que dou relevo nos textos, a filologia passa de um saber centrado na forma da palavra e dos textos, com vistas à reconstrução de seu sentido original, para uma filologia do mundo, aberta às especificidades culturais e políticas de um tempo histórico marcado pela diáspora dos povos africanos, pela problemática política e cultural das comunidades nacionais pós-coloniais, pelas democracias recentemente nascidas em países que viveram períodos ditatoriais.

Apesar deste trabalho seguir um estilo marcadamente resenhístico-descritivo, abordo os textos no sentido de enviesar os argumentos dos autores para minha argumentação, apresentada acima. Com isso, espero tornar evidente o fio condutor de minhas análises – a abertura da filologia para o mundo – além de justificar, ao mesmo tempo, a escolha dos textos e o realce dado a certos argumentos de cada autor.

1 JONATHAN CULLER E O (NÃO) FUNDAMENTO FILOLÓGICO

Um texto entre aqueles que considero importantes para repensar o papel da filologia para os estudos literários é o "Anti-foundational Philology" de Jonathan Culler (1990). Publicado em uma coletânea de trabalhos sobre filologia

² É possível citar muitos trabalhos que, desde a década de 1990, vêm repensando a filologia. Nas áreas de estudo da literatura e da cultura, alguns dos trabalhos mais importantes são de Stephen Nichols (1990), Lee Patterson (1994), Peggy Knapp (1993), Geoffrey G. Harpham (2005; 2009), Abdellatif El Alami (2000), Hans Ulrich Gumbrecht (2003), William Robins (2004), Roger Sell (1994) e Edward W. Said (2007b). Na área da filosofia, por exemplo, os trabalhos de Werner Hamacher (2010; 2009), com tradução para o inglês (HAMACHER, 2015) e o espanhol (HAMACHER, 2011), são uma referência essencial.

e seu estatuto na contemporaneidade, o artigo de Culler trata de uma característica frequentemente associada à filologia: a de figurar como saber fundamental e basilar para estabelecer o *corpus* fidedigno de trabalho das demais disciplinas, tais como a filosofia, a linguística e, acima de tudo, os estudos literários.

O argumento central de Culler (1990) é que os procedimentos reputados tradicionalmente à filologia, tomados como imparciais e neutros, estão imbricados, de modo constituinte, em premissas histórico-culturais contingentes. Isso significa que os métodos e técnicas da filologia – cuja neutralidade julga-se como a *base* sobre a qual são realizados “[...] qualquer crítica literária ou trabalho histórico e interpretativo [...]”³ (CULLER, 1990, p. 50, tradução minha) – não são desenvolvidos e utilizados fora da cultura e da história, em um ambiente purificado e alheio ao mundo. Pelo contrário, são injunções de demandas culturais específicas, formas de respostas a indagações previamente estabelecidas na cultura, ou seja, no conjunto histórica e materialmente construído de valores e práticas que dão sentido e finalidade às ações humanas.

Para demonstrar seu argumento, Culler (1990) apresenta cinco exemplos das relações entre filologia e cultura. Por questão de espaço e para não tornar o texto excessivamente descritivo, escolhi mencionar dois exemplos, os que considero mais importantes. Primeiro, a atividade filológica mais conhecida, a de reconstrução do(s) sentido(s) de uma palavra, frequentemente em textos antigos. Culler (1990) argumenta que essa atividade está baseada em um pressuposto cultural sobre a natureza dos textos e da linguagem: a admissão da existência de um sentido das palavras, que tal sentido é passível de ser resgatado e reconstruído pelas práticas e métodos da filologia. Há, portanto, toda uma concepção previamente dada na cultura do filólogo do que significam “história”, “linguagem” e “sentido”, que circula e está entranhada no empreendimento filológico. Segundo exemplo, o papel que a fundação da filologia como ciência teve, entre os fins do século XVIII e começo do XIX, na construção da imagem de uma Grécia ariana, que serviu de origem histórico-cultural para as culturas do norte europeu. O apagamento das relações e dependência grega de outras civilizações, como as semíticas e egípcia, serviu como forma de criação deste mito fundante que, até hoje, serve de origem (quase) mágica para a cultura ocidental como um todo. As relações da

³ “[...] any further literary criticism or historical and interpretive work [...]”.

instituição da filologia como saber científico basilar na construção do ocidente europeu e o eurocentrismo característico da construção dessa identidade – processo exemplarmente exposto por Edward Said (2007) em *Orientalismo* – faz com que os métodos investigativos da filologia, no mínimo, não pareçam independentes e neutros em relação às culturas, das quais fazem parte.

Se o argumento de Culler (1990) está correto, há uma dupla implicação para a filologia. Primeiro, a (re)construção de culturas – estabelecimento de origens, identidades e propósitos de uma cultura – possibilitada e promovida pelo empreendimento filológico não pode prescindir de uma atenção ao próprio fazer filológico, o que coloca sempre-já em suspensão qualquer investimento monológico de definição de sentido(s). Segundo, a potência da filologia em fornecer tecnologia de investigação, possuidora de uma capacidade de sustar ou expor as tentativas de dar centralidade e univocidade a determinados valores culturais, entra diretamente em conflito com as possibilidades e projetos de reconstrução cultural. Ou seja, tal potencial filológico, suas práticas, métodos e procedimentos, é justamente o que torna problemáticos certos empreendimentos filológicos de fundação de passados míticos, construção de identidades unívocas, neutralidade da organização e historicização do patrimônio cultural dos passados humanos.

Como Culler (1990, p. 52, tradução minha) sublinha, "[...] a ligação da filologia a uma estreita atenção à linguagem [...]"⁴, apontada, segundo o autor, em grande parte dos manuais e definições de filologia, solicita uma maior acuidade e parcimônia na interpretação e na discussão sobre as tarefas de reconstrução culturais. O que está em jogo não é, portanto, o abandono da categoria de sentido, ou o estudo de determinadas origens, ou o trabalho com a noção de identidade. O ponto é que a filologia tem seu potencial aberto na medida em que "[...] captura a tensão crucial entre o projeto reconstrutivista [...]" e a crítica de seus pressupostos teóricos e metodológicos que orientam tal reconstrução (CULLER, 1990, p. 52, tradução minha).

Nessa direção, Culler (1990), ao propor questionar a noção de filologia como fundamento, aponta para uma abertura do trabalho filológico que não pode se restringir à forma do texto como parte de um projeto puramente técnico de restauração fidedigna de sentido, uma vez que tal atitude já pressupõe a ação sob tutela de determinados valores e concepções culturais. Isso implica que, qualquer empreendimento filológico trata, antes de tudo, da malha

⁴ "[...] the linking of philology with close attention to language [...]"

dispersa, indeterminada e variada da autoexpressão humana, daquelas "[...] muitas interpretações [...]", como disse Nietzsche (1992, p. 138, grifo do autor), "[...] e conotações vaidosas e exaltadas, que até o momento foram rabiscadas e pintadas sobre o eterno texto *homo natura* [...]". A filologia se abre para o mundo; a filologia é, nesse sentido, uma filologia *do* mundo, das coisas mundanas. E é justamente sobre a entrada de cena do mundo, da passagem da letra para a terra, que trata o ensaio de James Porter, que passarei a analisar a seguir.

2 JAMES PORTER E ERICH AUERBACH: A FILOLOGIA DO E NO MUNDO

A tarefa principal que Porter se dispõe a realizar em seu artigo "Erich Auerbach's Earthly (Counter-)Philology" é abordar o papel que a filologia tem no pensamento de Auerbach e como o erudito alemão, em seu projeto de "[...] estabelecer nada menos do que uma história [...] intelectual da mente ocidental europeia [...]"⁵ (PORTER, 2013, p. 243, tradução minha), produziu uma nova filologia, cuja ligação íntima com o mundo tornou-a, como acredita Porter, uma *contra-filologia*. Apesar de Porter, competentemente, rastrear na dinâmica do pensamento e na extensa obra de Auerbach os caminhos e percalços da formação dessa contra-filologia – principalmente em seus longos e diversos estudos sobre Dante –, dois conceitos são, segundo julgo, de máxima importância: o conceito de Mundano (*Earthly/Irdisch*) e o conceito de História. Ambos os conceitos estão intimamente relacionados, o que torna o recorte feito neste trabalho apenas para fins pedagógicos. Além disso, pretendo abordar tais conceitos *dentro da economia do ensaio de Porter*, o que, da mesma forma, leva a uma insuficiência geral do estudo dos conceitos com relação ao pensamento do próprio Auerbach. O que pretendo, vale a pena lembrar, é a caracterização geral da reconceitualização da filologia operada por Auerbach tal como apontada e nomeada por Porter (2013).

Segundo Porter (2013, p. 246, tradução minha), o conceito de história para Auerbach tem um aspecto muito amplo e rico: "[...] ele mapeia a vida em toda sua riqueza [...]"⁶. Apoiado fortemente no pensamento do filósofo

⁵ "[...] to establish nothing less than an intellectual [...] history of the Western European mind [...]"

⁶ "[...] it maps out life in all its vital richness [...]"

florentino Giambattista Vico, a história aparece em Auerbach como o espaço do humano e da atividade humana, composto pela interrelação de eventos individuais que constituem uma totalidade, um desenvolvimento coerente do sentido global da vida humana. A tarefa do historiador é buscar desvendar a coerência interna aos acontecimentos que os ligam ao quadro geral da história humana, ressaltando, porém, que, para Auerbach, não há a possibilidade de uma compreensão total desses acontecimentos. Segundo Porter, Auerbach compreende a história linearmente, não como processo sequencial, mas como seguimento recuperativo de maneira que os eventos históricos estão ligados entre si horizontalmente, formando um processo interno, autorreferencial, e que "[...] *redime a si próprio* não por uma providência, mas pelo seu próprio momentum [...]"⁷ (PORTER, 2013, p. 256, tradução minha). Tal caráter proporciona a possibilidade da compreensão humana da história e, ao mesmo tempo, impede sua apreensão total, uma vez que as mulheres e homens que a constroem são também construídos por ela. Tal concepção imanente da história leva ao segundo conceito, e talvez o mais importante, para a caracterização da contra-filologia de Auerbach.

Se a história é a linha da difusão de eventos relacionados entre si e a um sentido total, o *terreno* de seus acontecimentos é o mundano (*Earthly/Irdisch*). A noção de mundano liga-se à noção de história no sentido de que, se para Auerbach não há um princípio ordenador providencial ou uma salvaguarda redentora, a posição humana história é aquela que reconhece e admite a *terra* (*Irdisch*) como sua matéria e meio de ação. "A ligação a esse mundo vem [...] na forma de uma completa submissão ao destino mundano (*earthly destiny*) – aceitar a própria condição mortal, humilde e humana, e o tempo histórico [...]"⁸ (PORTER, 2013, p. 250, tradução minha). Uma afirmação da existência *no* mundo que, em última instância, designa o caráter trágico da vida humana instada a lidar com a incerteza e a insegurança do devir histórico. A mundanidade estaria na celebração da riqueza e diversidade deste-mundo em detrimento das abstrações dos além-mundos.

Porter chama atenção para o fato de que tal mundanidade para Auerbach é fruto histórico do caráter ambíguo do cristianismo, visto enquanto herança cultural. Em síntese, Auerbach identifica na formação da tradição cristã uma representação do humano como estando em luta entre o pertencimento a este-

⁷ "[...] *redeems itself*, not providentially, but through its own momentum [...]"

⁸ "Attachment to this world comes [...] in the form of a utter submission to earthly destiny – acceptance of one's mortal lot, of one's humility and humanity, and of historical time [...]"

mundo, histórico e sensível, e ao mundo celestial, eterno e imaterial. A condição do salvador – espírito feito carne – exemplifica fortemente tal representação cristã da existência. Essa vivência ambivalente foi cada vez mais acentuada e radicalizada em suas contradições até o ponto em que o caráter secular insurgente da história abriu uma falha fundamental (*fundamental lack*) (PORTER, 2013) no curso da autoexpressão e autocompreensão humanas: a inconciliação irremediável entre a experiência subjetiva material – as vivências singulares e pessoais dos sujeitos, marcadas pela (re)produção da vida cotidiana, com suas relações interpessoais e institucionais – e a demanda pelo sentido global da existência e dos acontecimentos – a tentativa de alcançar uma totalidade explicativa e ordenada da história humana.

Diante de tal impasse existencial, Auerbach produz um tipo de filologia que trabalha nos momentos específicos em que experiência e compreensão históricas se entrecruzam⁹. O olhar do filólogo busca aquele instante de perigo, em que acontece uma “problematização” (PORTER, 2013, p. 255) do caráter ordinário e prosaico da realidade cotidiana. É nesse momento, segundo Porter (2013), que a mimesis é alcançada: a exposição (*Darstellung*) da ligação profunda entre texto e mundo, formando uma singularidade que captura a “[...] concreteness da interioridade humana [...]”¹⁰ (AUERBACH, 2014, p. 149, tradução minha) e, ao mesmo tempo, “[...] abraça o mundo em toda sua imanência concreta [...]”, experimentando o “[...] espírito do mundo através de seu corpo vivo [...]”¹¹ (PORTER, 2013, p. 256).

É nesse sentido que a contra-filologia auerbachiana é uma filologia do mundo (*world*) e não da palavra (*word*). Não é uma filologia do chamamento e

⁹ A esse respeito, ver um excerto de *Mimesis* particularmente significativo: “Pois dentro de nós realiza-se incessantemente um processo de formulação e de interpretação, cujo objeto somos nós mesmos: a nossa vida, com passado, presente e futuro; o meio que nos rodeia; o mundo em que vivemos, tudo isso tentamos incessantemente interpretar e ordenar, de tal forma que ganhe para nós uma forma de conjunto, a qual, evidentemente, segundo somos obrigados, inclinados e capazes de assimilar novas experiências que se nos apresentam, modifica-se constantemente de forma mais rápida ou mais lenta, mais ou menos radical. Estas são as ordenações e as interpretações que os escritores modernos de que tratamos tentam apanhar num instante qualquer; e não uma, mas muitas, quer de diferentes personagens, quer da mesma personagem, em instantes diferentes, de tal forma que a partir do entrecruzamento, da complementação e da contradição surge algo assim como uma visão sintética do mundo ou, pelo menos, um desafio à vontade de interpretar sinteticamente do leitor [...]” (AUERBACH, 2011, p. 494 - 495).

¹⁰ “[...] concreteness of human interiority [...]”.

¹¹ “[...] embrace the world in all its concrete immanence, to experience the world’s spirit through its living body [...]”.

resgate do sussurro dos textos antigos, nem uma reconstrução basilar da origem cultural de um povo. A contra-filologia de Auerbach, como aponta Porter, admite a multivocidade da expressão humana. Tal filologia implica em tomar como seu objeto de investigação o próprio tecido da realidade, ambienta-se na combinação da história, enquanto campo secular dos assuntos humanos, e da mundanidade, espaço de ambivalências e instabilidade que inviabiliza qualquer planificação centralizadora e hierarquizante da profusão cultural humana.

Se com Culler foi apresentada a ideia de uma filologia não-basilar que não exerce a função de solo seguro sobre o qual o edifício do saber ocidental possa ser construído de maneira estável e unívoca, com Porter e Auerbach aparece a descontinuidade – enquanto vista como *necessária* – entre filologia e palavra, atividade que restringe o empreendimento filológico a um projeto de conservação de sentidos, e a ligação estreita entre filologia e mundo. Essa ligação implica em uma reconceitualização, na forma dessa contra-filologia, como engajada ética, política e ideologicamente no corpo vivo da experiência humana concreta e histórica.

E é justamente no emaranhado dessa experiência histórica concreta que trata o próximo e último texto que passo a tratar a seguir.

3 MICHELLE WARREN E UMA NOVA AGENDA PARA A FILOLOGIA

O ensaio de Warren (2003), "Post-Philology", pretende dar à filologia uma nova agenda, relacionada a outros dois conceitos sem os quais pensar o estudo da linguagem, textos e obras, atualmente, é inviável: a (pós-)modernidade e o (pós-)colonialismo. Warren (2003, p. 19, tradução minha) formula sua questão nos termos do debate crítico contemporâneo:

[...] a filologia pode atingir o próximo "pós" juntamente com "moderno" e o "colonial"? Como uma disciplina dedicada a metanarrativas sobre a linguagem pode lidar com as críticas da unidade de ambas linguagem e subjetividade? E como uma disciplina forjada no colonialismo europeu do século XIX pode tecer críticas a esse legado e a essa história?¹²

¹² “[...] can philology reach the next ‘post’ along with the ‘modern’ and the ‘colonial’? How can a discipline devoted to meta-narratives about language cope with critiques of the unity of both language and subjectivity? And how can a discipline fostered in the midst of nineteenth-century European colonialisms engage critiques of that history and its legacies?”.

A partir desses questionamentos, Warren propõe o termo "pós-filologia" para designar práticas teóricas que se entrelaçam com os estudos pós-coloniais e da pós-modernidade, seja de maneira explícita ou implícita. O gesto importante de Warren (2003), ao esboçar esse conceito, é o de reconhecer que a prática de uma "pós-filologia" já vem sendo feita, de uma maneira não-esquemática, ao menos desde os anos 1980. Para demonstrar tal argumento, Warren (2003) propõe indicar relações entre a filologia, o pós-moderno e o pós-colonial.

Com efeito, o pós-moderno, o pós-colonial e a filologia têm relações complexas com seu passado. Seja a crítica, do primeiro, ao logocentrismo e às metanarrativas da modernidade, ou a crítica, do segundo, às contínuas injunções imperialistas e neocoloniais do mundo globalizado, ou ainda as potencialidades críticas da filologia no que diz respeito às estratégias linguísticas de construção de formas estéticas e políticas (não penso aqui em uma separação radical entre os termos) de narrativas de legitimação, todos os três apresentam uma indisposição com suas origens históricas modernas.

No que diz respeito à relação entre filologia e o pós-moderno, Warren (2003) faz uma diferenciação importante. Em debates em que "filologia" e "pós-moderno" são conjugados como termos conciliáveis, o entendimento de pós-moderno frequentemente remete a algum período de tempo que "[...] se estende do fim da modernidade (seja lá quando isso tenha acontecido) ao presente ou a algum passado próximo [...]"¹³ (WARREN, 2003, p. 24, tradução minha), o que gera a compreensão de que uma "filologia pós-moderna" seria aquela praticada *dentro* de um certo "clima". Como chama atenção Warren (2003), tal entendimento vê a relação entre filologia e pós-moderno como uma *condição* que estaria imposta de fora para dentro, de um *Zeitgeist* para as práticas individuais. Isso retira da problemática as condições concretas de produção do saber bem como de qualquer perspectiva crítica: "[...] tal uso designa uma crise das disciplinas, na qual os críticos não definem mais os termos de sua própria prática, mas se veem sujeitos a forças externas de natureza indeterminada [...]"¹⁴ (WARREN, 2003, p. 25, tradução minha).

Tal cenário gerou o questionamento e a reformulação epistemológica dos saberes, no nosso caso, a filologia, mas continuou a encarar sua tarefa como a de

¹³ "[...] extends from the end of modernism (whenever that was) to the present or to some recent past [...]"

¹⁴ "Its usage thus designates a disciplinary crisis in which critics no longer define the terms of their own practice but are instead subjected to external forces of an indeterminate nature".

resgatar os originais de uma cultura – marcadamente a cultura europeia medieval. O retorno de tipo pós-moderno só pode ser possível sob a compreensão, como assinalado acima, do "pós-moderno" como uma época, um estágio ou um tempo, o que acarreta a compreensão dessa reformulação epistemológica, da reorganização do empreendimento crítico como uma forma de imposição, muitas vezes cínica, de truísmos pseudo-éticos, que sustariam qualquer genuíno projeto analítico perscrutador. Se se compreende, por outro lado, o que está em jogo, a saber, a reformulação de práticas estético-políticas de maneira propositiva, afirmativa e não como uma imposição do tempo, abre-se um caminho profícuo para sua compreensão em relação às condições materiais de vida: a história da ação pós-colonial, a diáspora cultural e política, os refugiados, os exilados, os êxodos camponeses e assim por diante; o "pós" do pós-moderno indica, assim, não uma *nova* era, um novo *tempo*, mas um espaço limítrofe, onde "[...] *algo começa a se fazer presente [...]*" (BHABHA, 1998, p. 24, grifo do autor)

A formulação de uma filologia dentro de um certo clima pós-moderno é exemplificada por Warren (2003) através da Nova Filologia de Stephen Nichols (1990), cujo objetivo era explorar os manuscritos culturais realizando um retorno pós-moderno às origens dos estudos medievais. A diferença apontada por Warren entre esse projeto e uma pós-filologia é a recusa completa de qualquer intenção de resgate de uma origem: "[...] a pós-filologia vai além da questão da origem, dispersando a hierarquia valorativa segundo a qual o estudo dos 'materiais originais' [...] são mais valiosos do que os estudos de edições [...]"¹⁵ (WARREN, 2003, p. 27, tradução minha) E mesmo o estudo das edições não está assentado no julgamento das *melhores* edições, mas nos investimentos ideológicos de uma edição particular: "[...] a pós-filologia exige mais do que uma crítica de aspirações positivistas [...]"¹⁶ (WARREN, 2003, p. 27, tradução minha). No que diz respeito ao estudo de manuscritos, a pós-filologia, aponta Warren (2003), reconfigura as hierarquias que orientavam a compreensão das relações entre textos, imagens e elementos não-linguísticos. Na classificação de manuscritos, a pós-filologia recusa o estabelecimento de relações familiares entre os vários testamentos dos textos, que servem para definir a versão mais velha de um texto.

¹⁵ "Post-philology goes beyond the quest for origins, dispersing the evaluative hierarchy whereby studies of the 'original materials' [...] are valued more highly than studies addressed to editions [...]"

¹⁶ "Post-philology entails much more than a critique of positivist aspirations [...]"

A pós-filologia implica, também, em submeter o pós-modernismo à crítica textual. Citando Linda Hutcheon, Warren (2003) chama atenção que, apesar do caráter textual do arquivo e a intertextualidade ser a marca inevitável de todos os escritos, e embora a pós-filologia já esteja imbuída na tarefa de dismantelar as narrativas modernas, há a necessidade de, seguindo as práticas pós-modernas, também problematizar-se sempre, de modo a desconstruir qualquer pretensão de cientificidade. Admitir essa tarefa significa também que a posição de produção de metanarrativas linguísticas da filologia seja rejeitada, de forma que uma pós-filologia "[...] tentaria contar as histórias da linguagem sem presumir a coerência dos sistemas linguísticos, com atenção a processos híbridos e não normativos [...]"¹⁷ (WARREN, 2003, p. 28, tradução minha). A empreitada de uma história da linguagem – ou histórias – recusaria o pressuposto de que o artefato textual é uma unidade coerente que atesta um estado sólido e regular de um determinado sistema linguístico.

As relações entre a pós-filologia e o pós-moderno são, assim, de envolvimento na promoção de críticas ao projeto moderno e suas pretensas formulações de legitimidade. Da mesma forma, a relação entre pós-filologia e pós-colonialismo é de implicação e envolvimento na crítica das identidades nacionais e ao papel da filologia na expansão colonial da Europa. De um lado, há a herança de uma visão colonialista do filólogo. O erudito clássico acadêmico veria os textos de outras culturas como "território estrangeiro", o qual cabe ao filólogo desbravar, esclarecer e tornar disponível para exploração. Por outro lado, como frisa Warren, muitos antropólogos se voltaram para a filologia como uma forma de ir contra aos legados colonialistas de sua disciplina. Para Clifford Geertz (2008, p. 14), por exemplo, "[...] a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação de significados, uma avaliação de conjecturas [...] e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento de sua paisagem incorpórea [...]". Da mesma forma, o semiótico Walter Mignolo chama atenção para o papel que a filologia, em seus termos uma "nova filologia", que estaria na base de uma teoria e filosofia da produção simbólica humana, tem na tarefa de "[...] deslocar 'a' tradição clássica na qual a filologia [...] [estava] instalada no período moderno [...]"¹⁸ (MIGNOLO, 1996, p. 183 apud WARREN, 2003, p. 30, tradução minha).

¹⁷ “[...] tries to tell linguistic histories without assuming the coherence of language systems and with attention to hybrid rather than normative processes [...]”.

¹⁸ “[...] displace 'the' classical tradition in which philology [...] were housed in the modern period [...]”.

A relação da pós-filologia com as políticas nacionais e coloniais também é apontada por David Greetham (1997), para quem esta "nova filologia" pode articular o lugar das instituições, editores e textos com tais políticas. Um bom exemplo destacado por Warren (2003) é a constituição de uma língua oficial em detrimento de outros dialetos, política ocorrida em diversos países, incluindo o próprio Brasil¹⁹. A monoglossia, afirma Warren (2003), é tão fruto de um desejo colonialista e nacionalista quanto do positivismo moderno. Warren (2003) cita o trabalho de Anthony Espósito (1995) como um importante exemplo de desconstrução do mito da monoglossia na linguística espanhola, através das análises de textos híbridos da Catalunha medieval. Assim, o laço medular entre a pós-filologia e o pós-colonialismo é a crítica às formações de poder.

O desenho do liame entre pós-colonialismo, pós-moderno e o esboço de uma pós-filologia é seu caráter crítico em termos estético-políticos da noção de origem e originalidade e a atenção a projetos político-narrativos de dominação. Por um lado, a compreensão pós-moderna da "[...] filologia reside em eliminar a ideia de um centro privilegiado das concepções da prática crítica e em analisar os sintomas de desejo por artefatos originais – desejos que permeiam a filologia, a estética moderna e relações de poder coloniais [...]"²⁰ (WARREN, 2003, p. 36, tradução minha). Por outro lado, "[...] quando também compreendida pelos estudos pós-coloniais, a pós-filologia se concentra nas dinâmicas de poder que moldam [as] representações [...]"²¹ (WARREN, 2003, p. 36, tradução minha) históricas de alteridades, formas de vida e possibilidades narrativas e políticas. Trata-se, portanto, não de uma superação da filologia, ou de sua obsolescência. A pós-filologia "[...] desarticula uma prática ou uma condição particular das suas teleologias históricas [...], identifica e associa práticas de vários períodos ou

¹⁹ Ver, a esse respeito, o "Directorio, que se deve observar nas Povoações dos Indios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario" [Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão enquanto Sua Magestade não mandar o contrario] (ALMEIDA, 1997). Editado e implementado em 1757 no Brasil pela administração de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, este documento impôs, entre outras medidas, a proibição do uso das línguas indígenas e das línguas gerais (tanto a amazônica, de base tupinambá, quanto a paulista, de base tupiniquim) sobre os aldeamentos indígenas no Brasil. Para um panorama sobre o decreto pombalino e as políticas linguísticas imperia(l)is(tas) no Brasil, ver o artigo de Lygia Maria Gonçalves Trouche (2001).

²⁰ "[...] philology lies in removing the idea of a privileged center from conceptions of critical practice and in analyzing the symptoms of desires for original artifacts – desires that permeate philology, modernist aesthetics, and colonial power relations alike [...]"

²¹ "When also conceived through postcolonial studies, post-philology focuses on the power dynamics that shape these representations [...]"

disciplinas através de seus métodos compartilhados [...]”, constantemente “[...] consciente de suas implicações epistemológicas e ideológicas [...]”, que contribuem para a “[...] teorização das condições materiais da textualidade [...]”²² que moldam a prática acadêmica e erudita nas humanidades (WARREN, 2003, p. 36 - 37, tradução minha). Por fim, a pós-filologia, segundo Warren (2003), pode aspirar a criar relações transacionais entre a cultura material e estudos culturais como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma filologia não basilar, uma contra-filologia, uma pós-filologia. Três conceitos que, a meu ver, expressam uma gradativa passagem de uma concepção unívoca da palavra para uma visão plural de mundo, de modo que, na prática de leitura e investigação textual, pressupostos culturais interpretativos – como os levantados por Culler – são questionados e postos em suspensão. Como chamaram atenção Culler e Warren, os próprios procedimentos e métodos filológicos impedem (ou deveriam dificultar) a criação e a pressuposição de qualquer sentido teleológico dos textos – principalmente no que diz respeito a textos antigos –, a formação de ideias de origem pura, como lembrado por Culler no caso da criação de uma Grécia ariana, ou de um legado histórico que confiaria sua realização futura a um certo povo, raça ou cultura.

Um retorno à filologia, nessa direção, não seria uma forma de resgate de procedimentos e métodos esquecidos e negligenciados no momento de sua formação, mas uma autocompreensão do saber filológico como uma ferramenta para a produção de uma democratização dos saberes, a produção de espaços e condições de coexistência cultural, além de permitir a geração de narrativas históricas pós-fundacionais que não estariam mais comprometidos com qualquer projeto de centralidade da profusão geral da textualidade humana, mas sua abertura ao mundo, a outros mundos e, sobretudo, à sua mundanidade.

²² “[...] disarticulates a particular practice or condition from historical teleologies [...] identifies and associates practices from various periods or disciplines through their shared methods [...] cognizant of its epistemological and ideological implications [...] theorization of the material conditions of textuality [...]”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. H. **O Diretório dos Índios**: um projeto de “civilização” no Brasil do Século XVIII. Brasília: UnB, 1997.

AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. Romanticism and Realism. In: PORTER, J. I. **Selected Essays of Erich Auerbach**: Time, History, and Literature. Tradução Jane O. Newman. Princeton: Princeton University Press, 2014. p. 144 - 156.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CASTRO, I. O Retorno à Filologia. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D (Orgs.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 511 - 520.

CULLER, J. Anti-foundational philology. In: ZIOLKOWSKI, J. (Ed.). **On Philology**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1990. p. 49 - 52.

DE MAN, P. The Return to Philology. In: _____. **The Resistance to Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

EL ALAMI, A. **Métalangage et philologie extatique**: Essai sur Abdelwahab Meddeb. Paris: L'Harmattan, 2000.

ESPÓSITO, A. Bilingualism, Philology, and the Cultural Nation: The Medieval Monolingual Imaginary. **Catalan Review**, v. 9, p. 125 - 139, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREETHAM, D. C. The Resistance to Philology. In: _____. (Ed.). **The Margins of the Text**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997. p. 9 - 24.

GUMBRECHT, H. U. **The powers of philology**: dynamics of textual scholarship. Illinois: University of Illinois Press, 2003.

HARPHAM, G. G. Returning to Philology: the past and future of literary study. In: HILBERDINK, K. (Ed.) **New Prospects in Literary Research**. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences. 2005. p. 9 - 26.

_____. Roots, Race, and the Return to Philology. **Representations**, v. 106, p. 34 - 62, 2009.

HAMACHER, W. **Für – Die Philologie**. Frankfurt: Engeler, 2009.

_____. **95 Thesen zur Philologie**. Frankfurt: Engeler, 2010.

_____. **Minima Philologica**. Tradução de Catharine Diehl e Jason Groves. Nova York: Fordham University Press, 2015.

_____. **95 tesis sobre la filología/Para - la filología**. Tradução de Laura S. Carugati. Buenos Aires/Madrid: Miño y Dávila, 2011.

-
- KNAPP, P. Recycling Philology. **ADE Bulletin**, v. 106, p. 13 - 16, 1993.
- NICHOLS, S. G. Introduction: Philology in a Manuscript Culture. **Speculum**, v. 165, n. 1, p. 1 - 10, jan., 1990.
- NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PATTERSON, L. The Return to Philology. In: ENGEN, J. (Ed.). **The Past and Future of Medieval**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1994. p. 231 - 244.
- PORTER, J. I. Erich Auerbach's Earthly (Counter-)Philology. **Digital Philology**, v. 2, n. 2, p. 243 - 265, 2013.
- ROBINS, W. Toward a Disjunctive Philology. In: ECHARD, S.; PARTRIDGE, S. (Eds.). **The Book Unbound: Editing and Reading Medieval Manuscripts and Texts**. Toronto: University of Toronto, 2000. p. 144 - 158.
- SAID, E. W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.
- _____. **Humanismo e Crítica Democrática**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- SELL, R. Postdisciplinary Philology: Culturally Relativistic Pragmatics. In: FERNÁNDEZ, F.; FUSTER, M.; CALVO, J. J. (Orgs.). **English Historical Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1994. p. 29 - 36.
- TROUCHE, L. M. G. O Marquês de Pombal e a Implantação da Língua Portuguesa no Brasil: reflexões sobre o Diretório de 1757. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 1, p. 97 - 110, 2001.
- WARREN, M. R. Post-Philology. In: INGHAM, P. C.; WARREN, M. R. (Eds.). **Postcolonial moves: medieval through modern**. New York: Palgrave Macmillan, 2003. p. 19 - 46.